

LAS RELACIONES EPISTEMOLÓGICAS DE LA FILOSOFÍA EN PORTUGAL Y ESPAÑA. PUNTOS DE CONVERGENCIA

I. O PENSAMENTO IBEROAMERICANO EM PERSPECTIVA ALARGADA

A vida da humanidade está marcada pelo perigo de cair em ideologias de exclusão que a colocam em situação náufraga. Uma fermentação múltipla de atrocidades e inimizades entre os homens atravessa, em diversos pontos do globo, a humanidade.

À primeira vista, parece ser uma incoerência a abordagem deste tema, uma vez que o Espírito Europeu em que hoje vivemos se insere num conjunto de pressupostos completamente opostos aos apregoados pelas mais variadas formas de valorização da afirmação da identidade regional ou local. Apesar dessa tendência europeísta, o que é certo é que é tema dos regionalismos se vai agudizando cada vez mais.

No momento agora vivido, já não são apenas as ideias imperialistas e regionais que movem os corações dos extremistas do pensamento com características locais ou regionais; já não é apenas a ETA, ou o IRA a fazer notar o seu desejo individualista.

É precisamente nesta linha que se insere esta reflexão. A forma de reverter esta tendência só pode ser feita através de uma afirmação clara da cultura como alicerce da sociedade. Não pode haver verdadeira comunhão e fraterna universalidade sem um alicerce cultural. A cultura é o pressuposto para a identidade.

Portugal e Espanha viveram durante séculos, de costas voltadas. Em vez de irmãos, consideravam-se concorrentes e adversários, buscando em outras culturas os aliados da rivalidade.

Apesar desta «mentalidade concorrencial» foi surgindo, muitas vezes de forma subterrânea e inconsciente, um pensar comum que nada mais é que a correspondência a uma necessidade quase genética de diálogo Ibérico.

Esta «necessidade genética» pode ser observada no sentimento comum a Portugal e Espanha de reciclagem da vida em «tragédia» e da «tragédia» em «vida».

A) RELAÇÕES SIMPÁTICAS, ANTIPÁTICAS E EMPÁTICAS

Feita esta pequena introdução ao tema das relações ibéricas, é importante reflectir sobre o tipo de relações que animam a vivência da herança destes dois países. Para esta breve análise servimo-nos das ciências humanas para diferenciar a forma de contactos interpessoais. Aplicada ao contexto ibérico, também entre Portugal e Espanha existem relações de tipo simpático, antipático e, embora de forma tênue, empático.

1. Quanto à «simpatia» nas nossas relações, ela caracteriza-se por uma certo espírito condescendente por parte de Espanha em relação a Portugal. Uma franja muito significativa de Espanhóis consideravam-se superiores aos «portuguesitos», considerado um povo de «camioneros». A única coisa de algum valor em Portugal era o «bacalao» e o comércio feito junto às fronteiras, tendo em conta a superioridade da peseta em relação ao escudo. Esta imagem que alguns Espanhóis tinham de Portugal e dos portugueses fez com que se habituassem a olhar para Portugal com olhos de condescendência.

Nesta perspectiva simpática, o povo espanhol considerava o povo português como «irmão», mas como um «irmão pobre», a quem era necessário ajudar a crescer. Esta forma de entender as relações Ibéricas, apesar de ainda se verificar em algumas mentes, encontra-se diluída, especialmente desde a entrada dos dois países na União Europeia e com o consequente crescimento económico de Portugal.

2. O «antipatismo» as relações Ibéricas deriva de uma reminiscência da batalha de Aljubarrota. Foi esta antipatia dos dois países que fez com que durante tantos séculos e em muitas áreas das relações dos dois países se vivesse de «costas voltadas», procurando em outros países os aliados mais fortes. Ao longo da história, Portugal e Espanha olharam-se se soslaio, e nunca se uniram para responder aos problemas da sua identidade, especialmente na Europa.

Podemos encontrar a raiz desta antipatia num certo «complexo de inferioridade» dos Portugueses em Relação a Espanha. Ao olhar para a grandeza do território Espanhol; ao observar certas tendências unionistas de alguns políticos do país vizinho; ao sentir a diferença de qualidade de vida entre os dois países, Portugal como que sentia uma tendência para um desdém e uma desvalorização de Espanha.

3. Por último, a característica empática destas relações é perspectivada no seio da consciência da dignidade e da igualdade dos dois países. Se é certo que a nível militar, económico e político as relações nem sempre se pautaram por este atributo, é a nível cultural que esta relação equilibrada se foi afirmando ao longo dos séculos. A esta relação «empática» chamaremos «Iberismo».

Exemplo desta relação equilibrada são os contactos da escola de Salamanca com a Universidade de Coimbra, desde a sua fundação. Durante sete séculos, Salamanca possibilitou aos portugueses o entrosamento da cultura Lusitânia no contexto Europeu. Salamanca, pela sua projecção na Europa, possibilitou a à cultura portuguesa uma abertura e um arejamentos vitalizantes, ao mesmo tempo que foi factor de irradiação da cultura Portuguesa em Espanha e na Europa. Muitos portugueses foram mestre e professores em toda a Espanha, de modo particular em Salamanca.

Por seu lado, é interessantíssimo verificar o número de grandes pensadores espanhóis a leccionar especialmente em Coimbra, Évora e Lisboa. Ao contrário daquilo que se possa pensar, os grandes pensadores Espanhóis da cultura europeia valorizavam de sobremaneira a presença em Portugal. Ser professor e mestre em Portugal era motivo de valorização de uma carreira académica no mundo.

Por último, ao analisarmos os escritos de D. Miguel de Unamuno, um dos maiores defensores das relações entre Portugal e Espanha¹. A fórmula unamuniana do «Iberismo» pode resumir-se como a tentativa de englobar espiritualmente a todos os povos peninsulares e os povos sobre os quais as influências de Portugal e Espanha fizeram-se sentir. Para isso é necessário um intercâmbio de manifestações do Espírito. «Hay que llevar el alma de España a los lares hermanos y recibir en el seno de la patria la de nuestros prójimos hermanos igualmente»². Com esta citação ficamos com a ideia de que o intento de aproximação dos povos peninsulares e latino-americanos não era de aniquilação cultural, fazendo a supremacia da casta espanhola, mas um respeito pelo sentir peculiar de cada povo, mantendo a consciência de que a todos enlaça um espírito comum. Este espírito comum foi o que presidiu ao curso da história e que passou a reflectir-se na criação literária, filosófica, e social.

Para Unamuno, os laços que uniam os espíritos de Espanha e Portugal eram muito mais importantes que os laços políticos; «Reyes de Portugal a la vez que de España fueron Felipe II, Felipe III y Felipe IV, y, sin embargo, Portugal y España estaban entonces tan separadas como hoy»³. Por este motivo, pode-

1 Cf. Jácomo Ferreira, *El «Iberismo Filosófico» en la perspectiva de D. Miguel de Unamuno*, ed. Kadmos, Salamanca 2002.

2 J. G. Morejón, *Unamuno y Portugal*, o. c., 360.

3 Miguel de Unamuno, «Por Tierras de Portugal y España», o. c., 380.

mos afirmar que o conceito ibérico de Unamuno se baseava na necessidade orgânica de compreensão mútua, fraternal, entre povos irmãos que atingiram a sua autonomia e independência ⁴.

B) A VERGONHA IBÉRICA...

1. Apesar de uma valorização da cultura e do pensamento Ibérico, o que remete para o contacto com os povos de Iberoamérica, sente-se ainda uma «vergonha ibérica»; um menosprezo por aquilo que é nosso.

São sempre sinais contraproducentes todas as contradições de afirmação cultural que hoje em dia se verificam ao olharmos para o Brasil e sentir que se está a tornar uma colónia intelectual alemã e Inglesa. Hoje em dia, muitas são as revistas de pensamento nas quais a maioria dos artigos são escritos em alemão ou inglês, sem qualquer tradução. Com esta reflexão, não pretendemos fazer a afirmação de qualquer redução e hermetismo das nossas relações com a Europa. O que se pretende é assinalar que sem a afirmação da nossa identidade, não se pode fazer a abertura de uma abertura cultural. Sem este pressuposto, as relações culturais perdem a sua empatia, para se converterem em subserviência.

O Iberismo pressupõe uma valorização e afirmação daquilo que é próprio do nosso pensamento, da nossa maneira de ser e interpretar o fundo, no fundo, o nosso Humanismo.

2. Por outro lado, as relações entre Portugal e Espanha não podem ser absorvidas numa desvalorização da cultura portuguesa num conceito de «Hispanismo» que faz com que, sob a carapaça deste conceito se «esqueça» a cultura Portuguesa, ou se «espanizem» todas as aportações de autores portugueses.

C) CONDIÇÃO PARA SE FALAR DE «IBERISMO FILOSÓFICO»: NÃO EXISTEM «TERRITÓRIOS ANOÉTICOS E A-FILOSÓFICOS»

Uma velha questão se coloca ao abordar a temática de um «Iberismo Filosófico»: a integração de pensamento Ibérico no quadro da filosofia. São muitos os que não aceitam a inclusão do pensamento Ibérico no âmbito da filosofia.

Pesa embora esta polémica, ao ler os autores portugueses e espanhóis encontramos uma filosofia de tipo existencialista. Trata-se de uma filosofia da

4 Cf. *ibid.*, 207.

alma. A prova mais evidente desta inclusão no mundo dos filósofos é o facto de muito se ter já escrito sobre este assunto.

1. *Uma questão de enquadramento*

Associada à dificuldade de fazer a avaliação da «pureza» da filosofia na península estão as grandes questões: o que é filosofia? O que é filosofar? Haverá algum «Método de filosofia». Responder a estas questões é um amaranhado enigmático, ao qual ninguém poderá dar uma resposta, ou ter uma saída meritória. Haverá tantas filosofias como homens sobre a terra. Berquer dirá «Donde hay misterio para el hombre habrá poesia».

A questão fundamental sobre o estereótipo filosófico encontra-se na origem do filosofar. Alguns habituaram-se a vê-la surgir num contexto definido e de uma forma quase que predestinada dos «grandes sistemas filosóficos» de Aristóteles, Descartes, Kant ou Hegel.

Ao observar a história da filosofia, não encontraremos nos mitos de Platão, ou nos fragmentos poéticos de Heráclito, uma filosofia bem definida? Só quem não conhece a riqueza da poesia e literatura portuguesa e espanhola é que pode dizer que nelas não se encontra uma forma de fazer filosofia. Hoje, não se pode falar de uma área restrita de «noesis», mas o conhecimento, a verdade encontra-se mitigada nas mais variadas formas de expressão do pensamento.

II. O CONCEITO DE «IBERISMO FILOSÓFICO»

Com o conceito de «*iberismo filosófico*» pretendemos agora resumir a aspiração ideal à associação das diferentes tendências de pensamento na península Ibérica que depois se irão alargar a toda a América Latina.

Sendo verdade que em Portugal, filósofos como Antero pretendiam que este «iberismo» tivesse perspectivas globalizantes⁵, parece-nos mais sustentável a perspectiva de Oliveira Martins.

O «Iberismo» de Oliveira Martins pode sintetizar-se pela proclamação da união de pensamento e de acção na península Ibérica. O nome «Espanha» resume todo o complexo geográfico e histórico da península. Ibérico, peninsular e espanhol são vocábulos sinónimos. O seu sentido de «Iberismo» se resume na

⁵ Antero chamará a esta «comunhão geral de bens» a «democracia ibérica». Cf. Antero de Quental, *Prosas*, 1.^a ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra 1923, 47. É necessário ter em conta de que o Iberismo de Antero é fruto do liberalismo português.

sua obra «História da Civilização Ibérica». Camões e Santo Inácio, por exemplo, são manifestações humanas da mesma sensibilidade pátria, com as peculiaridades inerentes ao solo regional de lhes deu luz. «O conjunto dos nossos pensamentos morais, o carácter dos movimentos que compõe o sistema do desenvolvimento das instituições, o das condições das classes, e até as linhas gerais da nossa política, são apenas um aspecto do sistema da história da península Ibérica»⁶.

Estamos assim muito longe do discurso apaixonado de Antero e de seus sequazes. Falar do «Iberismo» da mesma forma como falou Antero seria deitar por terra outro tipo de aproximação entre os dois países. A palavra «Iberismo» em vez de afogar a identidade de Portugal envolvia-a numa «carapaça» protectora. Em vez de «fusão Ibérica», Oliveira Martins preconiza a «Liga Ibérica».

Por seu lado, o «Iberismo espanhol» teve como principais expoentes Juan Valera e Miguel de Unamuno⁷. Embora nenhum dos dois tenha tocado no problema como o fizeram os portugueses, é importante notar que a sua linha de pensamento caminhava muito colada à de Oliveira Martins. Esta forma peculiar de pensamento pode ser desde já caracterizada pela tensão entre utopismo e nadismo. Utopismo e nadismo são duas máscaras, simetricamente opostas da tensão trágica.

O ambiente do «Iberismo» de Unamuno relaciona-se com a imagem que contemplavam de Espanha. A meditação à volta dos problemas da sua pátria conduziu a uma meditação sobre o problema ibérico, a ponto de abarcar sob a denominação de «hispanico» todos os povos que falavam português e espanhol⁸. Unamuno conecta intelectualmente com uma certa fadiga do racionalismo na linha dos pensadores do seu tempo. Não poucos filósofos posteriores foram conscientes desta fadiga. Um dos mais significativos foi Nietzsche na «Origem da Trágédia», mas também Ortega, Heidegger, M. Horkheimer e Adorno se dedicaram a esta crítica ao racionalismo⁹.

6 Oliveira Martins, *O Príncipe Perfeito*, t. 1, Lisboa, 5. Embora tendo a consciência de que Portugal não é ibérico, mas uma nação geográfica e tecnicamente individualizada, autores como António Sardinha defendem a tese de que é necessária uma «aliança peninsular».

7 Recorde-se aqui a concepção de identificação ibérica de Unamuno quando, referindo-se a Spinoza, escreve que era um judeu de origem espanhola, ou portuguesa e explica «Que para el caso es lo mismo». Cf. Miguel de Unamuno, «Del sentimiento trágico de la vida en los pueblos», in *Obras Completas*, o. c., 127-128.

8 A este respeito, Benjamín Carrión haveria de dizer «ningún español ha tenido la concepción total de lo hispánico con incorporación, sin reservas de lo Iberoamericano». B. Carrión, citado por J. G. Morejón, *Unamuno y Portugal*, o. c., 343.

9 C. Beorlegui, «La conciencia agónica. Originalidad filosófica de M. de Unamuno», a. c., 68.

Na análise que agora faremos dos elementos que podem ser elos de ligação (e de influência mútua, porque não!) entre as dimensões filosófico-metafísicas destes dois países, é importante distinguir nesta abordagem dois aspectos: a *forma* e o *conteúdo*.

Quanto á forma, procuraremos sustentar a importância do lirismo enquanto veículo de conteúdos mais existenciais. Os povos da península são mais líricos que trágicos e por isso é na lírica que devemos encontrar a «nossa» filosofia: «Compreendi, mais uma vez que a filosofia portuguesa —e creio que também a espanhola— é poética e só no verso pode expressar-se adequadamente. O melhor que temos em Espanha em mística —a nossa filosofia— são os cantares de S. João da Cruz, muito superiores ao seu comentário em prosa. A nossa filosofia é intuitiva e líquida, talvez gasosa, não petrificada em moldes»¹⁰.

O irracionalismo dos escritores ibéricos tem poucas bases lógicas. Descansa sobre o coração. Antero de Quental chega a afirmar que a solução de todos os problemas filosóficos se resolveria se tivéssemos tido em conta um pouco de sentimento¹¹.

Para o pensamento filosófico peninsular, o existencialismo é a vida íntima, com as suas lutas, as suas aspirações, as suas esperanças e desesperanças, as suas dúvidas, os seus mais profundos anseios, todo o complexo vital e anímico que pulsa na consciência de um autêntico homem de carne e osso, na sua tensão entre as paixões e a frigidéz da intelectualidade pura.

1. FORMA¹²

Um dos aspectos mais problemáticos quanto à forma de explanação do «Iberismo filosófico» é o seu enquadramento na área da filosofia. São muitos os que não aceitam a inclusão do nosso autor no elenco dos grandes sistemas filosóficos. O próprio Unamuno negou incluir-se no quadro dos filósofos, não só pelo conjunto de géneros literários que cultivou, mas também porque os seus ensaios filosóficos não estão escritos com estilo filosófico «técnico», mas constituem uma «literatura filosófica». «No quiero engañar a nadie ni dar por filosofía lo que acaso no sea sino poesía o fantasmagoría, mitología en todo caso»¹³.

10 Carta incluída no «*Epistolário Ibérico - Cartas de Pascoaes e Unamuno*», ed. Nova Lisboa, Lisboa 1957.

11 Cf. Antero de Quental, *Prosas I*, o. c., 149.

12 Cf. António Jácomo, *Antero de Quental, António Machado, dois mundos, o mesmo destino*, ed. Kadmos, Salamanca 2002.

13 Miguel de Unamuno, «Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos», in *Obras Completas*, o. c., 121. Marias, ao reflectir sobre este tema irá sustentar que «lo

Se com frequência o mundo dos conceitos une o pensamento destas duas culturas, não os une menos a forma, o tipo de expressão, de estilo. É evidente que em Espanha se vivia o ambiente da tragédia espanhola e o conceptualismo do século XVII. Apesar disso, a leitura dos sonetos traz-nos à memória a sensibilidade e a forma comuns. Poucas vezes em poesia se tentou tamanha síntese de ideias. A forma interior e exterior são incrivelmente semelhantes. A sinceridade da luta espiritual, bem característica dos povos peninsulares, traduz-se na aspereza das palavras. «Hay sinceridad de estas dos almas ibéricas, un matriz de redención suprema, la que se graba en esa pia exactitud expresiva»¹⁴.

À guisa de conclusão desta temática, poderíamos dizer que este peculiar entendimento do pensamento filosófico está estritamente relacionado com a novidade da argumentação filosófica peninsular. Os pensadores Ibéricos descobrem uma realidade nova, novos aspectos da realidade, pelo que a sua expressão em estereótipos já existentes seria uma tarefa quase impossível. Por outro lado, a temática específica da filosofia Ibérica é a própria vida, são aspectos novos da condição humana, é a consciência agónica de que fala Unamuno. Trata-se de âmbitos da vida humana que escapam ao mundo das ideias. O modo de filosofar tradicional estrito move-se no mundo das ideias. O mundo dos pensadores da península quer precisamente escapar à ditadura das ideias e envolver-se no mundo dos sentimentos, como âmbito contraposto ao mundo das ideias.

a) *Lirismo*

A utilização do recurso do género linguístico da Lírica por parte da filosofia é um aspecto verdadeiramente inovador. A dialéctica e ambiguidade entre o conteúdo e a forma no pensamento não é um problema superficial. É um problema antigo que tem acompanhado desde sempre a filosofia. Um dos autores que melhor tratou o problema do recurso literário por parte da filosofia, foi Cerezo. Para este autor, «la filosofía ha reprochado a la tragedia el delirio incontinente que anula el rigor del concepto. Y la tragedia, a su vez, acusa a la filosofía de matar el espíritu del mito sin el que no cabe creación genuina»¹⁵.

O problema fundamental da filosofia «lírica» é precisamente a resolução da questão de saber como é que poderemos ser mais líricos que trágicos. O misté-

que sí se da en Unamuno con toda plenitud es el problematismo filosófico». Cf. J. Marias, *Miguel de Unamuno*, ed. Espasa-Calpe, Madrid 1976, 121. Bacca e Ortega irão defender também esta condição de filósofo de Unamuno. Cf. C. Beorlegui, «La conciencia agónica. Originalidad filosófica de M. de Unamuno», *o. c.*, 66.

14 J. G. Morejón, *Unamuno y Portugal*, *o. c.*, 253.

15 P. C. Cerezo, *Las máscaras de lo trágico. Filosofía y tragedia en Miguel de Unamuno*, ed. Totta, Madrid 1997, 17.

rio designa o carácter enigmático e inexaurível da realidade que a lírica tem de desvelar, elevando a palavras a voz velada e descobrindo assim o sentido oculto do mundo. Esta forma de desvelo leva à descoberta do sentido do mundo, refletindo inclusive a morte na qual quer arrancar o seu segredo à vida, ou à saudade, que são véus que nos ocultam a verdade da nossa existência e de quanto nos rodeia, ou até o próprio sentido metafísico do universo.

Não é apenas o mistério da própria vida aquilo que o poeta pode ver, mas também o destino do mundo social e natural, o único, o indivisível mundo humano, que se perde ou ganha com a sorte ou com a desgraça do homem. Por isso, a lírica terá sempre de ser uma realidade metafísica.

Quem lê a definição que Unamuno dá de filosofia no seu livro «Do sentimento Trágico da vida» apercebe-se que a lírica se une à filosofia. A filosofia é o produto humano de cada filósofo, e cada filósofo é um homem de carne e osso, que se dirige a outros homens de carne e osso como ele. E, faça o que fizer, filosofa, não somente com a razão, mas também com a vontade, com o sentimento, com a carne e com os ossos, com toda a alma e com todo o corpo. O homem filosofa ¹⁶. Por este motivo, Unamuno irá sustentar que «poetas e filósofos são irmãos gémeos, se é que não a mesma coisa!» ¹⁷.

Apesar disso, parece-nos que este é um bom conjunto de argumentos comparativos que nos serão muito úteis quando fizermos a contraposição com o pensamento filosófico português, no qual a lírica encontra um sentido metafísico e filosófico.

O recurso a uma «filosofia lírica» tem como fundamento a interpretação da existência como a luta entre a necessidade e a liberdade. O homem ibérico existe entre a consciência da sua finitude e a tendência de transfinitude, entre o que lhe diz a razão e lhe é apresentado pela realidade factica e aquilo que lhe grita o sentimento, e lhe pede que se immortalize e supere, de forma utópica e criativa, a realidade limitada. O trágico da filosofia Ibérica está em que não se consegue descobrir a forma de conciliar estes dois opostos.

b) *Literatura*

«Tenho cada vez mais a convicção de que a nossa filosofia, a filosofia espanhola, está diluída e difusa na nossa literatura, na nossa vida, na nossa acção, na nossa mística, muito mais de que nos nossos sistemas filosóficos. É concreta.

16 Cf. Miguel de Unamuno, «Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos», in *Obras Completas*, o. c., 110.

17 *Ibid.*, 111.

Pois não haverá acaso em Goethe, por exemplo, tanto ou mais filosofia de que em Hegel?»¹⁸.

Destacamos do valioso conjunto de prosas sobre Portugal e a Galiza um feixe de apreciações distintivas da psicologia dos seus habitantes, muitas das quais têm aplicação comum.

Autores como Antero de Quental¹⁹, Oliveira Martins, Teófilo Braga, são influências modernas mais profundas do espírito português sobre o espanhol. A este respeito veja-se a fama de Oliveira Martins em Espanha. A «História da civilização Ibérica» era lida e comentada e traduzida em quase todas a universidades espanholas. Para muitos, o pessimismo espanhol desta época tem como fundamentos básicos esta «história da civilização ibérica» de Oliveira Martins.

Ao contrário do que aconteceu em Portugal, em Espanha a «revolução do pensamento» que se deu ao nível da literatura teve características muito mais serenas. Quem lê as obras publicadas pela «Geração de noventa e oito» pode verificar uma certa sensação de cansaço. O casticismo tradicional chegara ao fim. Frente ao «turreiburnismo» de pernasianos e simbolistas, que em Espanha se reúnem à volta de Rúben Darío, a geração de noventa e oito tem aspirações menos cosmopolitas, mais nacionais.

2. CONTEÚDO

Os pontos de aproximação entre o pensamento filosófico de Portugal e Espanha, nunca poderiam ser apenas de carácter formal. O mais importante é a aproximação de conteúdos e de temas. É nesta linha que agora nos propomos a encontrar alguns pilares que fazem consistente esta tentativa de agregar estas duas correntes de pensamento.

Para começar, esta relação de conteúdos é de tal forma consciente que Unamuno não terá qualquer problema em afirmar taxativamente: «Los sonetos de Antero fueron las primeras fuentes de inspiración para elaborar su sentimiento trágico de la vida y en particular su teoría de la conciencia universal como inspiración íntima de todos los seres»²⁰.

18 Miguel de Unamuno, «Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos», in *Obras Completas*, o. c., 184.

19 Unamuno coloca-o como o exemplo do homem de carne e osso que carrega o sentimento trágico da vida. Cf. Miguel de Unamuno, «Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos», in *Obras Completas*, o. c., 119.

20 J. Morejón, *Unamuno y Portugal*, o. c., 247.

a) *Sebastianismo e Quixotismo*

De todas as pontes que pretendemos lançar com este pequeno ensaio, a relação íntima que define o Quixotismo em Espanha e o Sebastianismo em Portugal é a que se apresenta com maior fiabilidade. Falar de Sebastianismo é falar da alma portuguesa. Falar de Quixotismo é falar da alma espanhola.

Se realidade factual de Portugal no seu tempo parecia justificar a sua concepção de sentimento trágico da vida nos povos, a visão do Quixote desesperado, arremetendo contra o mistério e a morte; se o Sebastianismo de Oliveira Martins parecia dar apoio teórico às ideias de que, com D. Sebastião, Portugal se suicidara como pátria, e com o sebastianismo mais não lhe restava do que apostar na impossibilidade da ressurreição ou reencarnação de um herói mítico, capaz de retomar a epopéia do século XVI onde o visionário monarca o tinha deixado como mais tarde Fernando Pessoa haveria de dizer na sua «Mensagem», cabe-nos perguntar se esta idiosincrasia não irá delimitar o pensamento filosófico Português. Este povo «trágico», não é outro povo senão aquele que ficou marcado nas suas entranhas pela história de D. Sebastião.

Fernando Pessoa querendo retirar o sentido pejorativo a este sentimento que bem define o povo português, encontra o conceito de «sebastianismo racional». Radicalmente a idéia de que o movimento humano depende do homem ou dos homens capazes de descer aos infernos da alma dilacerada percorrer o ciclo das individualidades elementares e conquistar a síntese pela qual atinge o albedo de uma personalidade consciente e senhora de si própria em todos os aspectos e em todas as suas sombras. Aquele que atinge o império de si mesmo e cumpre o ocluso sentimento popular que faz de D. Sebastião morto num signo de esperança, esse é o régio senhor das anarquias, esse é o realizador do «Quinto Império», o

*«Mestre da Paz
Escalibur do fim, em jeito tal
Que sua luz ao mundo dividido
Revele o Santo Graal»²¹.*

Ao conceito de Quixotismo e Sebastianismo estão ligados muitos aspectos da cultura, história e personalidade destes dois povos. A sonolenta inércia de Portugal de que fala Fidelino de Figueiredo é semelhante a de Espanha. Este é o clima que envolve as duas gerações de pensadores do final do século XIX na

21 Do poema «O Desejado», in Fernando Pessoa, *Mensagem*.

península. Pouco antes do Ultimato inglês, Antero de Quental publica uma breve nota intitulada «Expição». É um manifesto duro, todo ele carregado de pessimismo, no qual refere que «o maior inimigo de Portugal não são os ingleses, somos nós mesmos»²². Na mesma altura, alguns pensadores espanhóis organizam um movimento literário, filosófico e social que tem o mesmo objectivo: reflectir o «ser espanhol». O método escolhido para levar a bom porto este objectivo foi, sem dúvida, a paixão, pela qual o homem se torna «agónico. O «agnismo de Unamuno, a consubstanciação nesse único termo, de tudo quanto enforma o homem peninsular, a sua luta, a luta religiosa e civil, contra a adversidade rática e geográfica, luta suprema em que sempre se tomba vencido. Por esse motivo, os filósofos ibéricos serão sempre colecionadores de angústias»²³. Esta consciência «agónica» peculiar dos portugueses irá levar Unamuno a definir o povo português como um «povo suicida»²⁴.

A «tendência depressiva» da literatura e pensamento português está intimamente relacionada com um certo espírito de segregação. Os pensadores em Portugal ficam sós, isolados. Não têm com quem falar. «Em Portugal —dizia o mestre Álvaro Ribeiro— o filósofo é um 'fala-só', mas tem uma rua em sua homenagem: a travessa do fala só»²⁵. Talvez por isso, Portugal criou um desafio messiânico, cifrado numa teleologia da esperança: o Sebastianismo. Este é um tipo de pessimismo futurista, numa perspectiva de um messianismo fundamental, que visa a salvação da pátria, e com ela de toda a criação.

Este tipo de esperança desesperante suscitou na filosofia ibérica do final do século XIX, princípios do século XX uma missão: proceder à rediagnose das linhas de apuramento sapiencial que se constituem como paradigmas do essencial: o messianismo fundamental —tenha ele as mais variadas formas: Messianismo, Quixotismo, Atlântismo, Sebastianismo, Astralédia ou Quinto Império.

A definição do pensamento ibérico na sua tendência mais depressiva é, segundo Joaquim de Carvalho, contemporânea da eclosão de anos de desespero e luta pelo misticismo, isto é, pelo absolutismo do Bem e da Liberdade. Se a constituição psicológica de destes dois povos, que nos permite detectar um drama íntimo e solitário, decorrente de sentimentos opostos, pode ser uma via

22 Antero de Quental, *Prosas III*, o. c., 143.

23 G. Moura, «Algumas relações portuguesas de D. Miguel de Unamuno», in *Revista da Biblioteca Nacional*, vol. 7, n. 2 (Julho/Dezembro 1992) 77. Unamuno irá a firmar: «El culto al dolor parece ser uno de los sentimientos más característicos de este melancólico y saudoso Portugal» (Miguel de Unamuno, «Por tierras de Portugal y España», in *Obras Completas*, o. c., 184).

24 Cf. Miguel de Unamuno, «Por tierras de Portugal y España», in *Obras Completas*, o. c., 243-250.

25 Álvaro Ribeiro, in P. Gomes, «A Filosofia Portuguesa contemporânea, seus valores», o. c., 47.

explicativa da crise, é suposto que o desmoronamento de um conjunto estável de respostas para os problemas do mundo e da existência terá provocado a «sensação de suspensão da consciência». Esta expressão significa a dor metafísica de quem não possui e precisa, necessariamente, de um sistema seguro de convicções explicativas do mundo e orientadoras da existência, de quem, «antes de morrer, quer ao menos saber para que veio ao mundo».

Na eclosão desta tendência pessimista situa-se, sem dúvida, a influência de E. Hartmann em Portugal. Dois temas interessam preferencialmente: a fundamentação metafísica do pessimismo e a concepção religiosa.

No que diz respeito ao pessimismo, assinalam-se a teoria do Inconsciente, o repúdio do suicídio individual e a ausência da consciência em Deus. Os sonetos *Elogio da Morte* (1872-1874), *O Inconsciente* (1875) e o poema *Os Vencidos*, de Antero de Quental são a expressão poética das influências recebidas, ainda que transitórias. O Inconsciente tem um carácter divino, é uma força criadora, fonte espontânea de vida, imanente a toda a realidade, análogo ao Logos hegeliano. O inconsciente, que não tem uma dimensão psicologista ou psicanalítica, produz uma sensação de esmagamento: daí a preponderância da morte como procura do absoluto, como elevação da dimensão espiritual do homem. Porque o mal e a dor existem, porque o mundo absurdo, só a sua destruição e aniquilamento (o Nada, o não-ser), poderiam suprimir a adversidade. Verifica-se, neste caso, a solução negativista proposta por Hartmann para o problema da existência. Recusa-se o suicídio individual, afirma-se o «suicídio cósmico».

É na literatura que se exprimem os grandes problemas íntimos, mas também os problemas filosóficos por excelência: a impotência da Razão, a angústia do abandono perante as forças fatalistas da natureza, mas também a dor metafísica, a liberdade, o Bem, a procura de Deus e de si mesmo.

No campo da epistemologia, a crítica ao cientismo deriva da limitação ao relacionamento dos fenómenos sob o ponto de vista mecanicista, manifestando uma total incapacidade para explicar a aspiração mais profunda do homem para o Bem, isto é, a marcha ascensional da história e da humanidade em direcção a um dramático, mas crescente, aperfeiçoamento espiritual.

Nesta perspectiva, o pessimismo conota-se, também, com um certo cepticismo, resultante da diversidade filosófica. A essência da crise metafísica reside, afinal, na necessidade de um sistema absoluto de «ideias transcendentais» que pudessem explicar a variedade da experiência e servissem de orientação existencial.

O mundo é visto como «terra erma», «mundo exangue», «lugar de desolação», dor e pecado; o homem como «um parto da terra monstruoso», o «último suspiro do universo». O mal seria a imperfeição e doença do mundo e do homem, estando na origem do sofrimento físico e moral, manifestado num sen-

timento de imperfeição; representa uma mácula e é consequência de uma falta. Daí o sentimento de culpa e a necessidade de expiação.

O Sebastianismo em Portugal verificou-se, simultaneamente, ao nível do pensamento e do sentimento; à «evolução do sentimento correspondia uma evolução do pensamento». Tratava-se, afinal, de pensar e de sentir o mal do mundo ²⁶.

b) *Paisagem*

Qualquer português que se aventure a ler as obras de dos autores da geração de 98, imediatamente descobre nele uma adesão à terra no seu nexó humano só tem paralelo nas páginas admiráveis de Oliveira Martins sobre «A Terra e o Homem» no início da sua apaixonada «História de Portugal» ²⁷ e bem assim naquela descrição duma viagem e comboio ao longo do Ribatejo, inserta nas «Cartas Peninsulares» ²⁸.

3. MODELOS DE EUROPEIZAÇÃO DA CULTURA IBÉRICA:

«JANGADA DE PEDRA» DE SARAMAGO

Uma das questões que mais influencia a reflexão sobre o Iberismo é a sua integração Europeia. A problemática actual mostra-nos que um dos perigos da globalização é a perda da identidade.

Sem uma chamada de atenção ao que é típico na Península Ibérica, corremos o risco de naufragarmos no «mar revolto» da cultura europeia e mundial. Os temas do humanismo e da modernidade têm uma interpretação peculiar a partir da península.

Por seu lado, as aportações da cultura destes dois países, e neles, do pensamento iberoamericano, são também um contributo essencial à construção europeia.

A grande questão que se coloca é saber como é que podemos «ter voz», dar o nosso contributo nesta construção europeia sem correremos o risco da «quetização» da cultura ibérica; de nos fecharmos num solipsismo doentio.

²⁶ Sobre o pessimismo anterior e a influência de Hartmann, veja-se o estudo de J. Carvalho, «Antero de Quental e a Filosofia de Eduardo de Hartmann», in *Obras Completas*, vol. I, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1997, 409-431.

²⁷ Oliveira Martins, *História de Portugal*, s. e., Lisboa 1901.

²⁸ *Id.*, *Cartas Peninsulares*, s. e., Lisboa 1912.

José Saramago, o prémio Nobel da Literatura, no seu livro «Jangada de pedra», reflexiona sobre a questão do papel da península na Europa e no mundo. Segundo Saramago, é necessário que a península se transforme em «jangada perdida» e «desmamada» de todas as perspectivas redutoras de ser europeu e construir uma comunidade triangular com Iberoamérica e África. É neste triângulo que se encontra a identidade peninsular capaz de aportar novidade, humanismo a esta velha Europa.

Numa Europa em que se sobrevaloriza o aspecto económico, é necessário fazer vincar que só com uma estrutura cultural que não esconda a seu passado é que os povos peninsulares se tornarão referências a ter em conta no tecnocracismo europeu.

4. UMA PROPOSTA: A CRIAÇÃO DE UMA ASSINATURA DE «LEITURA DE AUTORES PORTUGUESES» OU «CULTURA PORTUGUESA»

Por último, e porque estamos na Universidade Pontifícia de Salamanca, universidade que ao longo dos séculos teve uma relação íntima e muito próxima com o pensamento português, aventuro a proposta da criação de uma assinatura de leituras de autores portugueses.

É necessário criar laços de comunhão. Este objectivo não se faz apenas com boas palavras e boas intenções. São necessárias atitudes concretas e reais. De entre elas, o estudo e o carinho recíproco das duas culturas é uma necessidade premente.

Ao mesmo tempo, a existência deste estudo na Universidade Pontifícia virá recolocar uma tradição de relações muito íntima e de presença de portugueses em Salamanca.

ANTÓNIO BARTOLOMEU JÁCOMO FERREIRA